



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

CAMILA GONÇALVES GOMES

UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE EM BAYEUX-PB

**JOÃO PESSOA
2013**

CAMILA GONÇALVES GOMES

UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE EM BAYEUX-PB

Monografia apresentada ao Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues.

Coorientadora: Profa. Aline Barboza de Lima.

JOÃO PESSOA
2013

CAMILA GONÇALVES GOMES

UMA ANÁLISE SÓCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE EM BAYEUX-PB

Monografia aprovada em ____/____/____ como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel no Curso de Graduação em Geografia, do Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues
Orientadora - UFPB

Prof^a. Aline Barbosa de Lima
Co-orientadora - UFPB

Ms. Mariana Borba de Oliveira
Examinadora Externa

Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva
Examinador Interno - UFPB

JOÃO PESSOA
2013

*Dedico a meus pais pelo incentivo e carinho.
Aos feirantes e consumidores sem os quais esse
trabalho não existiria bem como a cidade de
Bayeux, onde moro.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele tem me proporcionado viver e pela força que tem me dado para conseguir vencer os obstáculos que o mundo me coloca e se não fosse por ele não estaria hoje vivenciando mais este momento da minha vida: realização acadêmica.

Aos meus pais e irmãos por terem me acompanhado e me ajudado em todos os momentos da minha vida e, em especial, a meu pai, Edielson, que sempre me incentivou a estudar e a lutar pelos meus objetivos e a minha cuidadosa mãe, Edleide, pela sua compreensão e palavras de sabedoria.

Aos meus amigos e colegas da universidade pelo companheirismo e que têm me mostrado como é possível acreditar que ainda existem amigos verdadeiros: Maria Aparecida, Ionara, Suezi, Tamires, Lindomar, Adeni, Danilo, Paulo Vitor, Karol, Gabriel, entre tantos que destaco no meu coração. Ao amigo do meu pai, Davi, por acreditar em mim e pelo incentivo.

A Salomé, Júnior, Diego, Sandra, Joni, Mariana, Marcos Aurélio que me receberam e me acolheram no Gestar/UFPB grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Maria de Fátima F. Rodrigues. Em especial a Mariana que sempre me ajudou nas minhas dúvidas e me orientou nas horas que precisei.

A professora Fátima Rodrigues, minha orientadora, pela paciência e confiança depositada em mim. Pelos puxões de orelha e também pelas palavras doces, que colaboraram com minha aprendizagem. Pela compreensão e atenção. A Aline, minha coorientadora, pela disponibilidade e pela sua colaboração com esse trabalho.

Aos feirantes e consumidores pela paciência em responder os questionários e por terem doado um pouco do seu tempo para colaborarem com essa pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que sempre acreditaram em mim e que contribuíram de alguma forma com esse trabalho.

Que Deus abençoe a todos!

HINO OFICIAL DE BAYEUX

Circundada por rios e marés
Protegida pela natureza
Porque majestosa tu és
Exótica de rara beleza
Chateaubriand te enamorou
E propôs teu nome mudar
Ruy Carneiro logo aceitou
E hoje aí tu estás

Bayeux... Cidade do Trabalho
E da solidariedade por isto
Eu tenho orgulho desta cidade
Lugar que escolhi para viver

Bayeux... Francesa-Brasileira
De tantas verdades
Aqui teu povo goza de liberdade
E faz do trabalho um eterno prazer

Homenagem de um fato histórico
A você linda cidade
06 de junho um dia heroico
De conquistas e liberdades
De heróis que em terra distante
Lutaram com dignidade

A liberdade em movimento
A transportar o teu progresso
E nós vibrando em pensamentos
Te exaltando em rimas e versos
A coragem do teu pescador
Tirando o sustento do manguezal
E nas fábricas o fiador
Transformando em corda o sisal

Nós hoje do teu presente
Procuramos mais construir
E no pensamento da gente
Você só vai progredir
E realizar todos os sonhos
Os sonhos de alegre porvir

Composição: Major José Gonçalves de Sá

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a Feira Livre, localizada no município de Bayeux. Este apresenta uma área majoritariamente urbana e uma atividade agrícola inexpressiva, nesse sentido, nos interessamos por estudar sua feira. O objetivo com este trabalho é analisar a organização socioespacial da feira e pontuar os elementos econômicos e culturais que a caracterizam e que lhe conferem importância na escala municipal. Dentre os procedimentos metodológicos adotados estão pesquisa bibliográfica; visitas e registro fotográfico; e realização de entrevistas com os feirantes e consumidores. Os referenciais teóricos deste trabalho aportam nos estudos de Oliveira (2012), Dantas (2007), Ferretti (2000), Pazera (2003), dentre outros. Nos resultados obtidos verificamos que a feira livre de Bayeux é importante para o município tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista social e cultural: oferta produtos diversificados, que nem sempre há nos supermercados; gera trabalho e possibilita a sociabilidade em todas as suas dimensões.

Palavras – chave: Feira. Análise Socioespacial. Bayeux-PB

ABSTRACT

This work has the objective of study the street fair, localized in the municipality of Bayeux. This has a predominantly urban area and a agricultural activity insignificant, in this sense, we are interested to study the fair. The objective of this work is to analyze the socio-spatial organization of the fair and pinpoint economic and cultural elements that characterize it and which give importance in municipal scale. Among the methodological procedures are bibliographic research; visits and photographic records, and interviews with merchants and consumers. The theoretical framework of this study are based on the studies of Oliveira (2012), Dantas (2007), Ferretti (2000), Pazera (2003), among others. In results verified that the street fair of Bayeux is important for the municipality both from an economic standpoint and at point of view of social and cultural: offer diversified products, there is not always in the supermarkets; generates job and enables the sociability in all its dimensions.

Key words: Fair. Analyze Socio-spatial. Bayeux-PB

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visão parcial das ruas A e B, respectivamente.	13
Figura 2 – Visão parcial das ruas C e D, respectivamente.	13
Figura 3 – Visão parcial das ruas E e F, respectivamente.	13
Figura 4 – Visão parcial das ruas G e H, respectivamente.	14
Figura 5 – Indicação das ruas do mercado.	29
Figura 6 – Visão parcial da Rua Coronel Lira.	30
Figura 7 – Visão parcial da Trav. Coronel Lira.	30
Figura 8 – Visão parcial da Rua Epitácio Pessoa.	31
Figura 9 – Visão parcial da Rua Osvaldo Cruz	31
Figura 10 – Perfil do terreno do mercado.	32
Figura 11 – Galpão de frutas.	33
Figura 12 – visão parcial da Rua B.	33
Figura 13 – visão parcial da Rua C.	34
Figura 14 – visão parcial da Rua D.	34
Figura 15 – Roupas e diversos produtos.	35
Figura 16 – Inhame, macaxeira e batata.	36
Figura 17 – Bancas e boxes de carne.	37
Figura 18 – Mercado do peixe.	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão por atividade.	38
Gráfico 2 – Local de residência dos feirantes.	39
Gráfico 3 – Tempo de atuação dos entrevistados na feira.	40
Gráfico 4 – Grau de escolaridade dos feirantes.	41
Gráfico 5 – Local de preferência de compra do consumidor.	43
Gráfico 6 – Gastos dos consumidores na feira.	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados agropecuários de Bayeux.	10
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Localização da Área de Estudo	12
1.2. Procedimentos Metodológicos	15
2. HISTÓRIA E FORMAÇÃO ECONÔMICA DE BAYEUX E DO COMÉRCIO LOCAL.	16
3. A FEIRA: uma breve abordagem conceitual.....	21
3.1. A Feira Livre e o Circuito Inferior	24
4. DIAGNÓSTICO DA FEIRA LIVRE EM BAYEUX	29
4.1. Organização e as Formas de Uso e Ocupação do Espaço da Feira	29
4.2. Perfil dos Feirantes	38
4.3. Perfil dos Consumidores.....	42
4.4. Problemas Socioespaciais	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE.....	50

1. INTRODUÇÃO

O tema que abordamos é a feira de Bayeux, entretanto, não poderíamos deixar de falar da mesma sem situá-la no contexto do município. Localizado na microrregião de João Pessoa, o município de Bayeux limita-se ao norte e a oeste com Santa Rita e ao sul e leste com João Pessoa. De acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2010, o município ocupa o 5º lugar em população entre os 223 municípios do Estado da Paraíba, apresentando uma população de 99.716 habitantes. Apresenta a maior densidade demográfica da Paraíba, que corresponde à 3.118, 76 habitantes por quilômetros quadrados.

Trata-se de um espaço predominantemente urbano em que atividades como a agricultura e a pecuária são inexpressivas. Segundo Oliveira e Gomes (2005) as atividades agrícolas existentes no município ocorrem com maior expressão no bairro Jardim Aeroporto, onde encontramos uma atividade de subsistência. De acordo com o censo agropecuário¹ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2006, Bayeux apresenta 61 estabelecimentos agrícolas, dos quais 95,8% possuem uma área igual ou menor que 10 hectares, como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1 – Dados agropecuários de Bayeux

Grupo de área total	Nº de estabelecimentos	%	Área dos estabelecimentos (hec)	%
0 a 10 ha	58	95,08	214	100
10 a 20 ha	2	3,28	—	—
20 a 50 ha	—	—	—	—
50 a 100 ha	1	1,64	—	—
100 a 200 ha	—	—	—	—
200 a 500 ha	—	—	—	—
500 a 1000 ha	—	—	—	—
1000 a 2500 ha	—	—	—	—
De 2500 ha e mais	—	—	—	—
Produtor sem área	—	—	—	—
Total	61	100,00	214	100

Fonte: IBGE (2006).

A partir dessa inexpressividade da agricultura enquanto atividade econômica, surgiu o interesse em estudar a feira livre do município de Bayeux localizada no bairro Imaculada Conceição, a fim de compreender a sua importância para o município, já que este não apresenta uma área rural significativa. Destacamos também a importância da feira na

¹ Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1244&z=t&o=1&i=P>, acesso em 20/01/2013.

dinâmica econômica do município, visto que gera trabalho para os moradores de Bayeux, pois constatamos mediante a realização de entrevista que a maioria dos entrevistados reside em Bayeux e não têm outra fonte de renda. Bayeux não possui um comércio expressivo de móveis, eletrodomésticos, confecção, calçado, livraria e cosméticos. Segundo Oliveira (2012) isso ocorre devido ao fato dos bayeuxenses preferirem adquirir esses produtos em João Pessoa, capital do Estado. O autor nos diz também que os produtos mais consumidos em Bayeux pelos seus moradores são os de consumo imediato: gêneros alimentícios, daí a importância da feira.

Diante do exposto, os objetivos deste trabalho apresentam-se a seguir:

Objetivo Geral: Analisar a organização socioespacial da feira livre de Bayeux, buscando pontuar os elementos econômicos e culturais que a caracterizam e que lhe conferem importância na escala municipal;

Objetivos específicos:

- a) Pesquisar a origem dos produtos comercializados na feira de Bayeux e das pessoas que comercializam naquele espaço para, a partir das informações obtidas, construir um perfil dos trabalhadores que abastecem a feira e ter claro as escalas geográficas de influência da mesma;
- b) Investigar a partir da pesquisa direta o perfil dos consumidores da feira livre de Bayeux;
- c) Averiguar como a feira livre está organizada, as formas de uso e ocupação do espaço e os problemas socioespaciais evidenciados na feira livre.

A referida pesquisa encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro capítulo iremos fazer um resgate da história e formação econômica de Bayeux. No segundo capítulo abordaremos algumas definições de feira. No terceiro capítulo faremos um diagnóstico da feira livre em Bayeux, apontando os resultados obtidos na pesquisa.

Desta forma, o estudo proposto, oferecerá informações úteis sobre a feira livre de Bayeux, uma vez que não há bibliografia específica. Como também, servirá de fonte de pesquisa para estudantes e outros profissionais de áreas afins, que certamente utilizaram dessa fonte de conhecimento.

1.1. Localização da Área de Estudo



Mapa 1 – Localização da feira de Bayeux.

Google Earth (2013). Organização: Diego Silvestre de Oliveira.

A feira livre de Bayeux realiza-se dentro do Mercado Público Municipal, que está delimitado, na figura 1, em destaque. Esse espaço de comercialização está situado no bairro Imaculada Conceição, entre a Avenida Osvaldo Cruz, Rua Coronel Lira, Travessa Coronel Lira e Rua Epitácio Pessoa.

O Mercado foi construído no ano de 1980, no governo da prefeita Severina Freire de Melo. A feira livre que se realizava na rua Flávio Maroja localizada no Centro de Bayeux foi transferida para esse prédio, em decorrência, do congestionamento que ocasionava no local, por conta do aglomerado de barracas. A feira acontece ao longo das ruas do Mercado denominadas: A, B, C, D, E, F, G, H. Segue abaixo fotos que mostram uma visão parcial dessas ruas.

Visualização Espacial do Mercado de Bayeux



Figura 1 – Visão parcial das ruas A e B, respectivamente.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 2 – Visão parcial das ruas C e D, respectivamente.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 3 – Visão parcial das ruas E e F.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 4 – Visão parcial das ruas G e H, respectivamente.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

1.2. Procedimentos Metodológicos

Para a estruturação da pesquisa adotamos como procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica na Biblioteca Central da UFPB e Setorial do Departamento de Geociências da UFPB, bem como através de pesquisa na Internet: a exemplo do portal do IBGE. Priorizamos inicialmente a leitura dos trabalhos monográficos, das dissertações e teses produzidas sobre as feiras livres da Paraíba, mas também buscamos dialogar com outros trabalhos que tratavam de temas afins. Essas leituras foram feitas no decorrer da pesquisa e serviram de fundamentação teórica para a elaboração da mesma.

Foram realizadas 40 entrevistas semi-estruturadas com os comerciantes que fazem a feira livre de Bayeux, e 40 entrevistas semi-estruturadas com os consumidores. Além disso, realizamos entrevista com o ex e o atual administrador do mercado público municipal. A administração do mercado é vinculada a secretaria de infraestrutura da prefeitura de Bayeux. Realizamos visitas e registro fotográfico da área de estudo.

A bibliografia consultada contribuiu para melhor compreender a atual organização espacial da feira livre, bem como a base necessária para o trabalho de campo e análise dos dados. Utilizamos: Santos (1985; 2008); Oliveira (2012); Dantas (2007); Silva (2010); Ferretti (2000); Pazera (2003) etc.

2. HISTÓRIA E FORMAÇÃO ECONÔMICA DE BAYEUX E DO COMÉRCIO LOCAL

A história de Bayeux está relacionada ao processo de ocupação inicial do território brasileiro pelos europeus, em específico, os portugueses, que objetivando garantir a posse e a colonização das terras descobertas introduziram no Brasil o sistema de capitanias hereditárias. Dentre as capitanias criadas temos a capitania da Paraíba.

A capitania da Paraíba foi criada em 1574, todavia, o processo de ocupação e povoamento dessa capitania dá-se de fato em 1585, com o extermínio, expulsão ou com a dominação de parte da população indígena que ali habitavam. A partir desse momento é fundada a cidade sede da capitania da Paraíba, denominada Nossa Senhora das Neves. Posteriormente, em homenagem ao rei Felipe II, o nome da cidade é alterado para Filipéia de Nossa Senhora das Neves. Hoje, João Pessoa, em homenagem ao presidente paraibano, João Pessoa, morto em 1930 (MELO, 1996).

À medida que os colonizadores adentravam ao território paraibano, pequenos povoados foram surgindo, dentre eles: Bayeux. De acordo com Martins Júnior (2006) não há informações claras sobre em quais anos ocorreram as primeiras ocupações de Bayeux. Porém, o autor nos diz que “um dos marcos estruturais da história de Bayeux é a ponte sobre o rio Sanhauá, edificada no sopé da rua² da ponte”. Todavia, não se sabe ao certo a data exata em que a ponte foi edificada, sabe-se que a primeira ponte era de madeira e, posteriormente, foi reconstruída com cimento armado, em 1865, pelo Barão do Livramento de Pernambuco.

Por muito tempo essa ponte, Sanhauá, foi a única via de acesso ao interior paraibano:

De um lado da ponte se situava João Pessoa, a capital do Estado da Paraíba, e do outro lado existia uma estreita rua, estrada de Barro mal cuidada, circundada por rios e manguezais. A ponte era passagem obrigatória para essa pequena estrada por onde passavam colonizadores, colonos e transeuntes com destino ao interior do Estado (OLIVEIRA, 2012, p. 19).

Bayeux, nessa época, resumia-se a essa estreita via de acesso ao interior paraibano caracterizada pelas suas belezas naturais. Ao longo do tempo essa rua foi sendo ocupada e surgiram as primeiras habitações: “eram casas de taipas cobertas com palhas de coqueiro, onde predominava pescadores, devido a abundância do pescado existente nos rios da região” (OLIVEIRA, 2012, p.20).

2 Rua Imperatriz, atualmente rua da República.

Esse pequeno povoado que se formava recebeu o nome de Baralho devido ao fato dos pescadores jogarem baralho sobre a ponte enquanto esperavam os peixes secarem ao sol. Porém essa denominação não pendurou por muito tempo, mudando para vila Barreiras. Oliveira (2012) nos dá duas explicações possíveis para essa denominação: a primeira nos diz que essa denominação, deve-se ao fato de existirem na época algumas barreiras produzidas pelo rio, próximas a ponte Sanhauá. E a segunda é a do historiador Coriolano de Medeiros, que nos diz que tal denominação foi uma homenagem ao Engenho Barreiros, existente na época da Invasão Holandesa.

Entre os anos de 1910 e 1920 forma-se uma pequena feira livre, que se realizava onde é hoje a praça 06 de julho, para atender as necessidades do núcleo urbano que se formava. E aos poucos foi surgindo um pequeno comércio de gêneros alimentícios: as bodegas.

Como a bodega do senhor Jacó, vendida posteriormente para o senhor Manoel Vitalino, local que se tornou ponto de referência e de encontro de pessoas ilustres da pequena sociedade. Seguindo o mesmo ramo comercial surgiram as bodegas do senhor Severino Leão e senhor Francisco Eliziário de Souza. Mais adiante funcionava a bodega do senhor Severino Araújo bem próxima da bodega do senhor José Wlisses Teixeira. No atual bairro do São Bento se localizava as bodegas do senhor Inácio Cotó e senhor Antônio Venâncio (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

Havia nessa época uma população predominantemente rural que tinha como principal fonte de renda os produtos provenientes da pesca e dos seus sítios que apresentavam uma grande variedade de frutas. Além disso, eram cultivados pelos sitiantes: macaxeira, batata e inhame. Esses produtos eram vendidos, principalmente, para as feiras livres de João Pessoa e do interior do Estado da Paraíba.

Barreiras, em 1944, tem o seu nome alterado para Bayeux em homenagem a uma cidade francesa e sua rua principal a Abdón Milanez também teve seu nome alterado para Av. Liberdade. Em 1948, Bayeux é elevado a categoria de distrito de Santa Rita e é gerido pelos representantes políticos desse município. Nesse mesmo ano ocorre a construção do mercado público de Bayeux e uma diversificação do comércio, como relatado abaixo:

Com a construção do Mercado Público em 1948, na esquina da Av. Liberdade com a rua Flávio Maroja, na gestão do prefeito de Santa Rita Dr. Flávio Maroja Filho, começou a surgir lentamente nas proximidades no decorrer dos anos, um diversificado comércio de Bebidas, Armazéns de Cereais, de Materiais de Construção e hidráulico, lojas de Móveis, Eletrodomésticos e Confecções, Padaria, Armarinho etc. (OLIVEIRA, 2011, p. 54).

Com o crescimento da população de Bayeux, que vai se dá de forma mais intensa na década de 1950 com a chegada das indústrias de Cisal, os sítios vão desaparecendo e cedendo lugar aos equipamentos urbanos como apontado por Oliveira (2012, p. 36):

[...] Com a chegada de diversas pessoas, de diversos lugares, os sítios foram desaparecendo, as lagoas foram aterradas: dando lugar as ruas, as praças, as casas, as indústrias, as escolas e ao comércio. A maioria dos proprietários de terras resolveu lotear ou vender sua propriedade e muitos venderam até mesmo seus sobrados e casarões, buscando bons lucros.

A introdução das indústrias de Cisal, como podemos ver, contribuiu para acelerar o processo de urbanização de Bayeux, que apresentava uma população de 8.896 habitantes, em 1950, e passa a apresentar, em 1960, um total de 17.338 habitantes, de acordo com o IBGE³. Novas formas espaciais são introduzidas modificando sua paisagem. Para Santos (1996) a paisagem

é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. (...) Num momento B, muitos elementos do momento A permanecem; e surgem novos. É a inovação triunfante que permite sair de um período e entrar em um outro. A inovação traz a modificação da paisagem, que passa a ter objetos do momento A e B. (SANTOS, 1996, p. 66-68).

O verde é substituído pelas ruas e equipamentos urbanos que hoje compõem o município de Bayeux. E uma nova configuração espacial se estabelece. É no espaço geográfico que a sociedade realiza as suas atividades e cria as formas necessárias à sua reprodução. De acordo com Santos (1985, p. 49):

O espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação (...), para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para nossa compreensão da produção de espaço.

A forma constitui-se naquilo que o homem construiu para exercer uma determinada função. Função é a atividade que o homem realiza para se reproduzir. Estrutura é o modo de organização dos elementos que compõe um determinado espaço e que interagem entre si. E o

3 censo demográfico realizado de 1950 a 1960.

processo refere-se a dinâmica que se realiza nesse espaço e as mudanças decorrentes dessa ao longo do tempo (SANTOS, 1985).

Conforme Santos (1985) estes elementos são essenciais para a compreensão da organização espacial de um determinado espaço. E que contudo se considerados isoladamente nos fornecem apenas uma visão parcial da realidade estudada.

Estes conceitos são necessários para explicar como o espaço social está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças. A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial (SANTOS, 1985, p. 53).

O espaço, portanto, não pode ser compreendido desvinculado da sociedade que vive e atua nele, pois é a sociedade que lhe dá vida e significado.

No dia 28 de julho de 1959 Bayeux ganha sua emancipação política e deixa de ser distrito de Santa Rita. No início da década de 1980 é construído no bairro Imaculada Conceição o Mercado Público Municipal. Em substituição ao Mercado Público que existia na Rua Flávio Maroja. Com isso, a feira livre é transferida para o bairro já mencionado.

Atualmente, devido ao crescimento urbano desse município, atividades como a agricultura e a pecuária possuem pouca expressão em Bayeux. A atividade pesqueira, que já foi uma das mais importantes do município, decaiu devido “o desmatamento do mangue, o despejo de gases industrial nos rios, a penetração cada vez maior de moradias no terreno pantanoso e a pesca predatória” (OLIVEIRA, 2012).

Bayeux é administrada com recursos provenientes do Governo Federal, além dos recursos originários de vários estabelecimentos comerciais e industriais. “Diversos estabelecimentos surgiram no tempo de Barreiras, alguns foram desativados, enquanto outros continuaram existindo, vindo a funcionar com os novos estabelecimentos que surgiram na época de Bayeux” (OLIVEIRA, 2012, p.60).

A feira livre, nosso objeto de estudo, é uma das formas que prevalece e compõe o município desde a época em que Bayeux era Vila Barreiras. Esta pode ser definida como um espaço em que são comercializados, periodicamente, produtos diversificados direcionados para a população local. Dantas (2007) nos diz que as relações que se desenvolvem na feira ultrapassam o de troca e que nela a sociabilidade se dá em todas as suas dimensões, sejam elas: culturais, políticas, administrativas, etc. As diferenças sociais desaparecem dentro desse espaço.

Trata-se de uma forma tradicional de comércio, que existe desde os tempos mais remotos. E que vem resistindo e se adaptando as transformações tecnológicas que cria um mundo cada vez mais moderno. Conforme Silva (2006, p.28) a feira resiste porque é do povo. Resiste porque dela não tiram proveito político, e nela o povo envolvido é digno e batalhador.

3. A FEIRA: uma breve abordagem conceitual

Buscaremos nesse capítulo mostrar algumas definições de feira e diferenciá-la do mercado, uma vez que ambos são tratados as vezes como sinônimos. Além de mostrar a importância dessa instituição para a região Nordeste e os tipos de feiras existentes nessa região, a partir da visão de alguns autores.

De acordo com Mott (2000) a feira é uma instituição que foi introduzida no Brasil pelo colonizador português, que estava habituado a frequentar a feira desde a baixa Idade Média. Com isso, essa é reproduzida no território brasileiro para manter essa prática cultural e satisfazer as necessidades imediatas do colonizador. Conforme Pazera (2003) os índios não conheciam essa prática comercial, sendo algo novo para eles. O autor nos diz que:

os índios possuíam uma vida simples, baseada numa economia de subsistência, que tinha como a única finalidade a satisfação das suas necessidades imediatas. Não havia motivo para a produção de excedentes e acumulação de riquezas, pois, sua cultura desconhecia a propriedade privada. O comércio intertribal se dava de forma muito peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a troca de produtos, em geral para o adorno corporal (PAZERA, 2003, p. 25).

Os índios cultivavam e retiravam da natureza tudo o que necessitavam, todos tinham acesso aos recursos naturais e a propriedade era comum a todos. O colonizador português subordina o território brasileiro aos seus interesses econômicos e impõe aos seus habitantes sua estrutura política, social e cultural. Segundo Pazera (2003) não se sabe ao certo quando e onde foi criada a primeira feira no Brasil. Há apenas algumas referências sobre a realização dessas no período colonial.

Para Pazera (2003), no Brasil, a feira ganha papel de destaque na região Nordeste, onde encontramos dois tipos de feiras: a dos grandes centros urbanos e as pequenas feiras espalhadas por todo o interior. Na primeira, a ligação entre produtor e consumidor envolve cada vez mais a figura do intermediário e na segunda predomina a relação direta entre produtor e consumidor.

Em relação a região em que as feiras ocorrem, Issler (1965 apud FERRETTI, 2000, p. 42-43) nos aponta quatro grupos:

- 1 **Feiras de Zona de Transição:** as feiras são maiores e mais ricas, pois o que se produz numa é diferente do produzido em outra zona, estimulando a troca e explicando a presença maior de produtores primários;
- 2 **Feiras de Zonas típicas:** nelas o produtor local não tem a quem vender (ou porque todos produzem os mesmos bens ou porque o poder aquisitivo é baixo) e, por isso, sua presença na feira é reduzida, pois, nesse caso, atuam apenas como consumidores;
- 3 **Feiras rurais:** são realizadas em pequenos núcleos urbanos, nas proximidades das zonas de produção primária, o que faz com que se encontre nela certo número de moradores rurais, de periferia da cidade onde se realiza, fazendo a feira, e um percentual de produtores primários entre os feirantes;
- 4 **Feiras urbanas:** realizada nas grandes cidades ou mesmo nas capitais dos Estados, frequentemente chamadas “feiras livres”, vendem, sobretudo, frutas e verduras. Oferecendo produtos mais frescos, de melhor qualidade e menor preço do que os supermercados.

Para Pazera Júnior (2003) a importância da feira, na região Nordeste, varia de acordo com o tamanho do núcleo urbano, então, quanto menor for o núcleo urbano maior sua importância.

De acordo com Ferretti (2000) feira e mercado as vezes são tratados como sinônimos, porém, ambos apresentam características próprias que difundem um do outro, que dizem respeito mais a estrutura do que a função. O Mercado é definido por Povillon (1976 apud FERRETTI, 2000, p. 36) como “o local onde se efetuam um certo número de transações, onde se reúnem todos os que querem ceder, adquirir ou trocar produtos sob a forma de troca direta ou utilizando a moeda”.

Ferretti (2000) nos diz que os mercados são encontrados, geralmente, nos núcleos urbanos mais populosos, apresentando como função principal o abastecimento da população local. Conforme o autor os mercados na região Nordeste “funcionam em local coberto, frequentemente em prédio construído ou administrado pela municipalidade, abrigando todos os feirantes ou parte deles” (FERRETTI, 2000, p. 40).

Percebe-se que o mercado é um espaço de caráter comercial que abriga tanto os vendedores do mercado quanto da feira, que se misturam e contribuem para dificultar a diferenciação entre essas duas instituições.

Conforme Ferretti as feiras podem ser definidas como “reuniões comerciais periodicamente realizadas em local descoberto (rua, praça, etc.), frequentemente próximo ao

mercado. Tendem ser realizadas durante um dia da semana (especialmente, sábado, domingo ou segunda-feira) e a oferecer maior variedade e quantidade de produtos do que os mercados” (FERRETTI, 2000, p. 41).

Podemos perceber algumas diferenças existentes entre feira e mercado, dentre as quais: estrutura, tempo e variedade de mercadorias. As feiras geralmente ocorrem um ou dois dias na semana, enquanto o mercado tende a ser aberto, geralmente, todos os dias da semana. No mercado as mercadorias tendem a ser comercializadas em local fechado e na feira em local aberto exposto as intempéries. Além disso, como apontou Ferretti (2000) a feira tende a ofertar mais produtos que o mercado.

Segundo Pazera (2000, p. 18) a feira também pode ser definida como “o lócus escolhido para os mais variados atos da vida social mantendo assim um sentido de permanência. Ali se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública [...]”. Com isso, o autor nos diz que a feira não é apenas um local de troca, mas também um local onde se desenvolvem outras relações sociais. Já para Mott (2000):

a feira é uma instituição econômica que funciona apenas durante algum tempo, um período específico, que varia ao longo do ano de acordo com as estações, refletindo tal temporariedade no fluxo humano dos compradores e vendedores, no volume e na variedade das mercadorias oferecidas. (MOTT, 2000, p. 31).

Mott (1970) afirma que a feira é uma instituição de grande importância para a maioria dos nordestinos, uma vez que estes têm na feira sua principal fonte de abastecimento. “E muitas das pequenas cidades e vilas, certos bens, como carnes só são encontrados na feira, uma vez por semana, daí ocuparem as feiras papel crucial dentro da estrutura sócio-econômica da região nordestina” Mott (1970 apud FERRETTI, 2000, p. 44).

Porém, a feira não se constitui no único local de compra dos consumidores, estes também têm a opção de comprar em outros estabelecimentos comerciais a exemplo dos supermercados. Ainda segundo Mott (2000, p. 32):

A feira é um tipo de comércio tradicional alternativo a essa modernidade dos supermercados e shopping centers, e que o fato de ser ao ar livre, de ter uma dinâmica baseada nos contatos primários face-a-face, muitas vezes permeados pelo ritual da barganha, da discussão do preço – esse seu perfil tradicional dá a esta instituição um toque de charme (...).

Podemos perceber através dos autores aqui destacados, abordagens diferentes sobre a temática feira, ou seja, compreensões diferentes de uma mesma realidade.

3.1. A Feira Livre e o Circuito Inferior

O atual modelo de crescimento econômico se reproduz tendo como base as contradições e uma sociedade de classes que se classifica segundo a renda. Isso faz com que as possibilidades de consumo não sejam as mesmas, ou seja, o acesso a determinados produtos é limitado pela condição financeira de cada pessoa. Essa diferenciação de renda cria o que Santos (2008) chamou dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos: o circuito superior e o circuito inferior.

Originários de um mesmo processo, o circuito superior e o circuito inferior têm como diferença fundamental a tecnologia e a organização. De acordo com Santos (2008, p. 40) o circuito superior é constituído pelos bancos, comércio e indústrias de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não capital intensivo, pelos serviços não modernos fornecidos a varejo e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão.

As atividades, portanto, realizadas no circuito inferior e no circuito superior são diferentes e são direcionadas para públicos específicos, que atendam melhor aos seus interesses. Porém, um indivíduo diretamente ligado ao circuito inferior pode consumir no circuito superior e vice-versa, apresentando segundo Santos (2008) diferenças quantitativas e qualitativas no consumo.

De acordo com Dantas (2007, p.59) essa situação acaba “criando uma segmentação das formas de distribuição e consumo da sociedade”. E esse processo pode ser visualizado na permanência de formas de comércio não modernas a exemplo das feiras livres e na proliferação das redes de supermercados.

O circuito inferior apresenta-se também como um “refúgio” para aqueles que não são absorvidos pelo setor moderno da economia urbana, por falta de qualificação. Esses veem no setor não moderno a oportunidade de obterem o seu sustento e resistirem as dificuldades impostas pelo processo de modernização tecnológica, que torna o mercado de trabalho cada vez mais exigente.

O comércio é uma das atividades que se mostra mais acessível a população “ pelo fato de que para entrar nessa atividade só se tem necessidade de pequena soma de dinheiro e pode

se apelar para o crédito (pessoal), concedido em dinheiro ou em mercadorias; não é necessário ter experiência e é fácil escapar ao pagamento de impostos” (SANTOS, 2008, p.164).

O circuito inferior, portanto, mostra-se mais acessível a essa parte da população que não consegue se inserir no setor moderno da economia, por não atender aos anseios desse setor.

Esse circuito apresenta como elementos essenciais ao seu funcionamento o crédito, o dinheiro líquido e o intermediário financeiro. A feira livre como componente desse circuito depende desses elementos para sobreviver. Esses elementos possuem funções diferentes dentro desse circuito, mas estão interligadas. Tais funções são especificadas abaixo por Santos (2008, p. 229):

O **crédito** é indispensável, tanto para os agentes como para os consumidores. Para os primeiros, em geral, é a única possibilidade de ingressar ou de se manter em atividade. Para os segundos, o crédito representa a possibilidade de acesso ao consumo, mesmo que não tenham renda fixa. Os **intermediários** têm função de fornecer o crédito aos comerciantes e artesãos, mais frequentemente em mercadoria, mas também em dinheiro; em toda parte eles são responsáveis pela ligação entre os produtores urbanos ou rurais e comerciantes da cidade (...). O **dinheiro líquido** assegura várias funções dentro do circuito inferior. Representa os pagamentos em numerário, indispensáveis ao consumidor final, bem como aos agentes, para pagarem parcialmente suas dívidas e obterem assim novos créditos. É igualmente necessário para os atacadistas, seja para comprarem diretamente dos produtores, seja para pagarem suas letras ao banco (...).

Na feira encontramos dois tipos de feirantes: o agricultor – feirante, que produz o que comercializa na feira. E o feirante de profissão, que não produz o que vende e, por isso, possui uma maior dependência em relação ao crédito.

O agricultor-feirante comercializa na feira o excedente da sua produção e o dinheiro arrecadado por ele é utilizado para comprar outras mercadorias necessárias a sua sobrevivência, uma vez que não produz tudo o que necessita. Nós temos a transformação da sua mercadoria em dinheiro e, posteriormente, em mercadoria novamente. Já o feirante de profissão que não produz o que comercializa na feira recorre ao crédito que lhe é fornecido, geralmente, em forma de mercadoria, pelo intermediário. Estas mercadorias são vendidas e o dinheiro arrecadado pelo feirante é utilizado para satisfazer suas necessidades básicas e pagar as dívidas. E, assim, manter o seu crédito.

Para Santos (2008, p. 246) esse processo dentro do circuito inferior não tem como preocupação principal obter lucro, mas garantir a sobrevivência (...). “Entretanto, a

sobrevivência é inseparável da obtenção do dinheiro líquido para a manutenção do crédito. Mesmo que algumas operações sejam pagas a prazo, o importante é dispor de numerário”.

Podemos observar a relação cidade-campo que se dá através da feira livre, onde o pequeno agricultor comercializa os seus produtos diretamente ao consumidor. Quando o pequeno agricultor não tem condição de se deslocar até a cidade este recorre ao intermediário, que irá realizar a ligação entre o campo e a cidade. A mesma coisa ocorre com o comerciante que não tem condição de comprar a mercadoria diretamente aos pequenos agricultores, estes recorrem, também, ao intermediário. Com isso, o intermediário mostra-se uma figura essencial. Este faz a ligação entre produtores rurais e comerciantes e vice-versa. De acordo com Lefebvre (1999 apud SILVA, 2010, p.69) a cidade:

Atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm uma das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças. O urbano, indiferente a cada diferencia que ele contém, é considerado frequentemente como indiferença que se confunde com a da Natureza, com uma crueldade que lhe seria própria. Contudo, o urbano não é indiferente a todas as diferenças, pois ele precisamente as reúne. Nesse sentido, a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a existência recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos.

A feira livre não é apenas um espaço em que produtos são comercializados. Nela temos toda uma dinâmica socioespacial e que atende a necessidades específicas. De acordo com Ferretti (2000, p. 63) “enquanto persistirem as atuais desigualdades de distribuição de rendas entre a população brasileira e de desenvolvimento nas diversas áreas geográficas do país a feira é uma instituição necessária”.

Ao analisarmos a feira livre de Bayeux, verificamos que a população desse município está ligada a feira não apenas pelo consumo, mas também pela renda gerada pelo comércio da feira, pois verificamos que a maioria dos feirantes entrevistados reside em Bayeux e que se trata de pessoas de baixo grau de escolaridade, que sobrevivem do que ganham do comércio na feira. Assim,

O circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional. Esses encontram bem rápido uma ocupação, mesmo que seja insignificante ou aleatória (SANTOS, 2008, p. 202).

Na feira de Bayeux não há uma organização quanto a disposição das bancas e as mercadorias são comercializadas sem um padrão pré-estabelecido, além disso, mercadorias como carne que requerem um maior cuidado por serem perecíveis, são vendidas sobre bancas de madeira expostas às intempéries e às moscas, ou seja, não há uma estrutura que proteja e permita a conservação desses produtos, diferente dos supermercados, no qual os produtos se encontram divididos em setores e as carnes são comercializadas em *freezers* ou em frigoríficos. Além disso, como nos diz Santos (2008, p. 215) o comerciante do circuito inferior:

Se reabastece em pequena quantidade e todos os dias, por que tem necessidade de ter um estoque diversificado num pequeno espaço que, além disso, não é equipado para conservar gêneros perecíveis, mas porque suas possibilidades são limitadas e o colocam na dependência do crédito em relação a um atacadista e, as vezes, mesmo de um varejista. Ele também só pode comprar em pequenas quantidades.

Constatamos também que a maioria dos feirantes não produz o que vende e, por isso, adquire os produtos a intermediários como atravessadores, fornecedores, como também, na Ceasa, feira de Caruaru, etc. Estes, dessa forma, são dependentes do crédito oferecidos por esses intermediários, além disso, estão sujeitos aos aumentos das mercadorias. Portanto, parte do dinheiro adquirido pelos feirantes é utilizada para pagarem suas dívidas e, assim, manterem seu crédito. O crédito é um dos elementos que liga o circuito inferior e o circuito superior, e, portanto, estes mantêm relações de complementaridade. De acordo com Silva e Silva (2010, p. 143):

Os circuitos não são sistemas fechados em si mesmos, pois mantêm inter-relações de complementaridade, de concorrência e de hierarquizações. No entanto não podemos negar que o circuito inferior é altamente dependente do circuito superior – principalmente no tocante aos serviços prestados por atacadistas, transportadores e fornecedores de crédito, por isso não ser possível considerá-lo separadamente.

Os preços das mercadorias, na feira, não são fixos, ou seja, mudam com a necessidade de venda do feirante, e, também, através da *pechincha*⁴ que segundo Santos (2008) é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior.

4 Discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria. Santos (2008)

Esses são aspectos que caracterizam o circuito inferior, que são visíveis na feira de Bayeux. No próximo capítulo mostraremos os resultados obtidos durante a realização da pesquisa.

4. DIAGNÓSTICO DA FEIRA LIVRE EM BAYEUX

4.1. Organização e as Formas de Uso e Ocupação do Espaço da Feira

A feira livre realiza-se no Mercado Público Municipal, no qual são ofertados também ao público alguns serviços, além do comércio. Os serviços identificados no mercado são: os de gêneros alimentícios (bares, lanchonetes); os de beleza (salões de beleza); conserto (oficinas e relojoarias); sapateiros etc. Dentro do mercado também encontramos residências e, com isso, podemos afirmar que este apresenta também uma função residencial. O comércio, os serviços e as residências são encontrados ao longo das ruas que compõem o mercado, denominadas: A, B, C, D, E, F, G, H e a Rua da Administração.



Figura 05 - Indicação das ruas do Mercado.

Fonte: Google Earth, 2013. Organização: Tamires Silva Barbosa.

O Mercado Público Municipal está situado entre as ruas: Osvaldo Cruz, Eptácio Pessoa, av. Coronel Lira e Travessa Coronel Lira, localizadas no bairro Imaculada Conceição. Na rua Coronel Lira podemos ver o setor de frutas e na borda do mercado carros e motos estacionados. Além disso, temos no lado oposto do setor de frutas: residências e a oferta de alguns serviços a exemplo de oficinas (Figura 6).



Figura 06 - Visão parcial da Rua Coronel Lira.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 07- Visão parcial da Travessa Coronel Lira.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Na Travessa Coronel Lira identificamos na borda do mercado abatedouros de aves (ativos e inativos) e um ponto de táxis, além de carros e motos estacionados na calçada. No lado oposto vemos os supermercados, tais como: Varejão do preço, Ki-preço, Nova

Esperança, e outros estabelecimentos comerciais: Doce Mania, Maciel Importados, etc. (Figura 7).

Na Rua Epitácio Pessoa, figura 8, vemos na borda da feira: distribuidoras, lojas de materiais de construção, uma lanchonete e um estacionamento. No lado oposto verificamos uma creche (Lar Fabiano de Cristo) além de mais dois estacionamentos. Identificamos também lixo produzido pelos feirantes jogado nesse ambiente. Já na Rua Osvaldo Cruz, como podemos ver na figura 9, observa-se alguns estabelecimentos comerciais na borda do Mercado: ótica, loja de brinquedos além de carros estacionados. E no lado oposto temos um armarinho, uma bomboniere, açougues, residências, etc.



Figura 08 – Visão parcial da Rua Epitácio Pessoa.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 09 - Visão parcial da Rua Osvaldo Cruz
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Após a descrição de parte dos elementos que se encontram em cada uma dessas ruas que delimitam o Mercado, podemos visualizar na figura 10 o perfil do terreno do Mercado, elaborado pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Bayeux, em 2006.

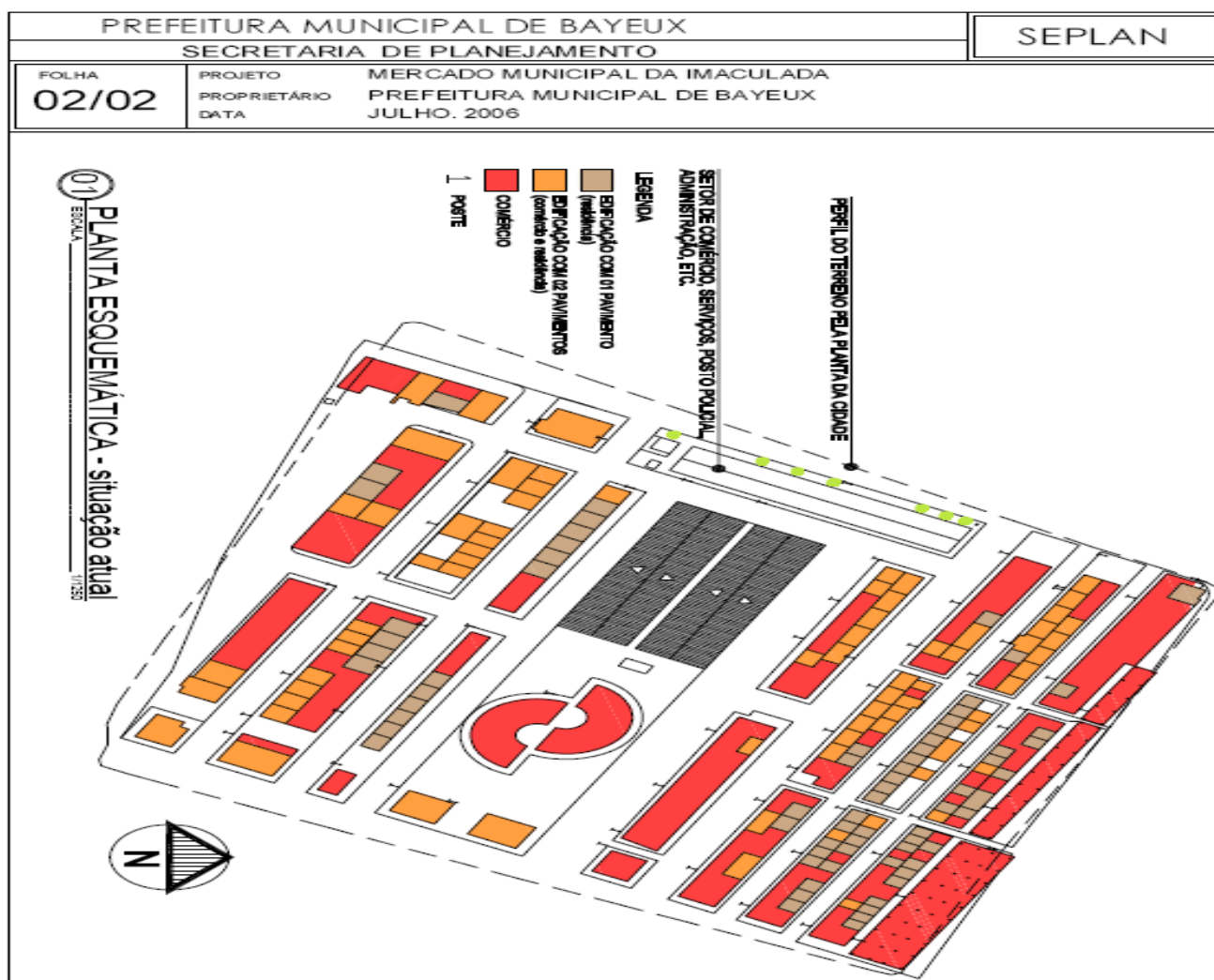


Figura 10 – Perfil do terreno do Mercado.
Fonte: Prefeitura Municipal de Bayeux.

Quanto às formas de uso e ocupação do espaço da feira podemos perceber que ao longo da Rua A distribuem-se três grandes galpões direcionados para o comércio de frutas, porém apenas um está sendo utilizado. Neste as mercadorias são comercializadas, como podemos ver na Figura 11, sobre as bancas de madeira e sobre o chão. Encontramos frutas variadas, tais como: banana, melancia, abacaxi, mamão, laranja, jaca, etc. Os outros dois galpões encontram-se praticamente inutilizados apresentando apenas duas bancas em atividade.



Figura 11 - Galpão de frutas.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Ao andarmos pela Rua B identificamos oficinas, bares, um salão de beleza, uma sapataria, uma casa de jogos, um estabelecimento onde se concerta máquinas de lavar roupa, residências de 1º andar, e um comércio inexpressivo de frutas, que se dá sobre bancas de madeira, remetemos essa inexpressividade a ocorrência desses serviços e ao grande movimento de veículos nessa rua (Figura 12).



Figura 12 - Visão parcial da Rua B.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Ao longo da Rua C, Figura 13, há dois salões, um bar, oficinas, uma loja em que são comercializados produtos de barro, como, jarros também há vassouras, filtros etc., e algumas

bancas em que são comercializadas frutas. Podemos perceber que se trata de uma rua predominantemente residencial: apresentando casas de primeiro andar e de um pavimento.



Figura 13 - Visão parcial da Rua C.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 14- Visão parcial da Rua D.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Adentrando a Rua D, Figura 14, identificamos uma oficina, uma churrascaria, um armarinho em que são comercializados produtos diversos, tais como: cadernos, lápis, bolsas, descartáveis, etc., além de funcionar também xérox. Verifica-se também um ateliê de costura, bancas de calçados e roupas, e alguns bares dispersos ao longo da rua. No meio da rua temos um comércio de verduras, legumes e frutas em bancas de madeira cobertas com telhas ou lonas plásticas. Além de lanchonetes e três frigoríficos. Ao final da rua verificam-se um

comércio de rações de animais (gato e cachorro), bancas de roupas entre bancas de verdura e frutas, além de lojas de utensílios de criança (roupinhas de bebê, banheira, e outros) e um comércio de objetos de cozinhas (panelas). Há uma grande diversidade de mercadorias concentradas em uma mesma rua.

Na Rua E vemos o predomínio de um comércio de roupas e calçados, que se dá em bancas e em pequenas lojas. Encontramos também o comércio de acessórios: batom, bolsas, espelhos, escovas de cabelos, etc. Posteriormente, logo de esquina, vemos dois frigoríficos e próximo um comércio de verduras e legumes. Seguindo em diante observamos também pequenos mercadinhos e uma comercialização de bijuterias e de produtos de limpeza, tais como: vassouras, espanadores, coadores, tábuas de cortar carne, como podemos ver na Figura 15. Ao final da rua aparece novamente um comércio de roupas, além de uma ótica e um comércio de brinquedos. Tanto na Rua E quanto na Rua D nós vemos a presença de muitas bancas, que se encontram tanto nas laterais quanto no meio da rua. E isso acaba dificultando o trânsito de pessoas.



Figura 15 - Roupas e diversos produtos.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Ao sairmos da Rua E adentramos a rua da administração, nesta rua se encontram a sala da administração e o posto policial do Mercado. Observa-se a oferta de alguns serviços a exemplo de concerto de relógio, já no meio da rua vemos um comércio de roupas e de coco, como também de amendoim, castanha, farinha de milho e outros. Entre a Rua E e a Rua F temos o mercado de farinha e cereais, que se realiza em dois galpões.

Na Rua F o comércio predominante é o de batata, inhame e macaxeira, Figura 16, o comércio do feijão verde também possui grande expressão nessa rua. Identificamos também bancas de verduras, temperos e algumas lojas de roupas. Além de bares e lanchonetes.



Figura 16 - Inhame, macaxeira e batata.
Fonte: Camila Gonçalves, 2013.

Ao sairmos da rua F entramos na rua G onde se observa um comércio inexpressivo de frutas e verduras e o predomínio da venda de miúdos e carnes variadas, tais com: boi, bode e porco. Estas mercadorias são comercializadas em lonas plásticas que se encontram sobre as bancas de madeira ou penduradas em um gancho preso a uma estrutura de madeira das bancas. Expostos as moscas e outros animais (Figura 17).

Na travessa da rua G com a rua H temos o mercado do peixe, Figura 18, que também é comercializado em lonas plásticas sobre as bancas e alguns ficam armazenados em caixas de isopor com gelo para mantê-lo fresco. Atrás das bancas podemos ver as vísceras e escamas dos peixes jogadas ao chão, tornando-o um local visualmente desagradável, além do mau cheiro.



Figura 17 – Bancas de carne.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.



Figura 18 – Mercado do peixe.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Já na rua H nós temos um comércio inexpressivo de verduras e ovos, uma extensão do mercado do peixe. Na rua há poucas bancas, visualizamos uma loja de calçados e aves e miudezas, além de um comércio de descartáveis. Identificamos carros estacionados nessa rua e a presença de muitas residências tanto de um pavimento quanto de primeiro andar.

Nas observações feitas durante os campos realizados na feira, podemos perceber que não há uma rigidez quanto à organização, ou seja, a disposição das bancas dá-se de forma espontânea. Nos setores da feira identificamos que determinados produtos predominam, porém não há uma exclusividade, podendo ser encontrado outros produtos nesses setores, com exceção do setor das frutas. Vemos uma grande variedade de produtos e uma grande

quantidade de bancas presentes em uma mesma rua, enquanto em outras estas são inexpressivas. Assim, na feira podem-se identificar os seguintes setores: frutas; roupas e calçados; batata, inhame e macaxeira; carnes; peixe; e o da farinha.

4.2. Perfil dos Feirantes

De acordo com o levantamento do número de comerciantes realizado em 2012 pelo administrador do Mercado na época, Ednaldo Gomes Costa. Podemos constatar que existem 800 pessoas trabalhando no Mercado Público Municipal. Ao analisar o levantamento, podemos verificar que destes 800 comerciantes 475 compõem a feira livre, que acontece dentro do Mercado, esse número corresponde aqueles que comercializam suas mercadorias em bancas de madeira ou no chão.

Os outros 325 correspondem aos comerciantes do mercado como também aqueles que ofertam algum tipo de serviço tanto aos consumidores quanto aos comerciantes, tais como: oficinas, cabeleireiro, consertos de relógios, aparelhos domésticos etc. Desse total 274 correspondem aos comerciantes do Mercado, que são aqueles que vendem suas mercadorias em boxes e 51 correspondem aqueles que ofertam algum tipo de serviço, como podemos visualizar no Gráfico 1.

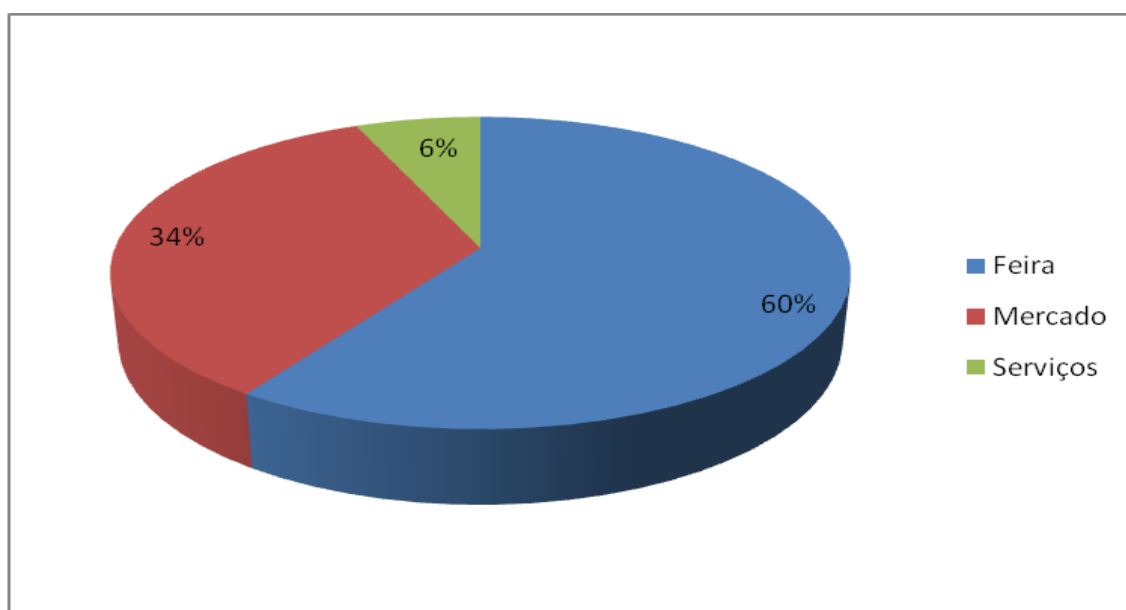


Gráfico 1 – Divisão por atividade.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Esse levantamento corresponde a uma estimativa de 97 a 99% dos comerciantes.

Além desses, temos também os comerciantes informais que não foram incluídos no levantamento, são aqueles que vendem os seus produtos em carros de mão e que não possuem ponto fixo. Desta forma, eles não pagam a taxa pelo uso do espaço da feira e nem são cadastrados pela prefeitura.

Tratando-se de uma estimativa, podemos presumir que esse número ultrapasse os 500 feirantes. Para entendermos melhor a dinâmica do espaço da feira realizamos entrevistas com os feirantes. Objetivando as seguintes informações: o local de residência; o tempo de atuação na feira; o tipo de produto comercializado; o local onde adquirem os produtos; os problemas socioespaciais existentes na feira; além da importância da feira para os feirantes. Durante essa fase do trabalho foram realizadas 40 entrevistas de forma aleatória.

A partir da análise realizada dos dados colhidos no decorrer da realização das entrevistas traçamos um perfil dos feirantes que comercializam na feira de Bayeux. Constatamos que 75% dos feirantes entrevistados residem no próprio município de Bayeux, e 25% residem em outros municípios como podemos observar no Gráfico 02.

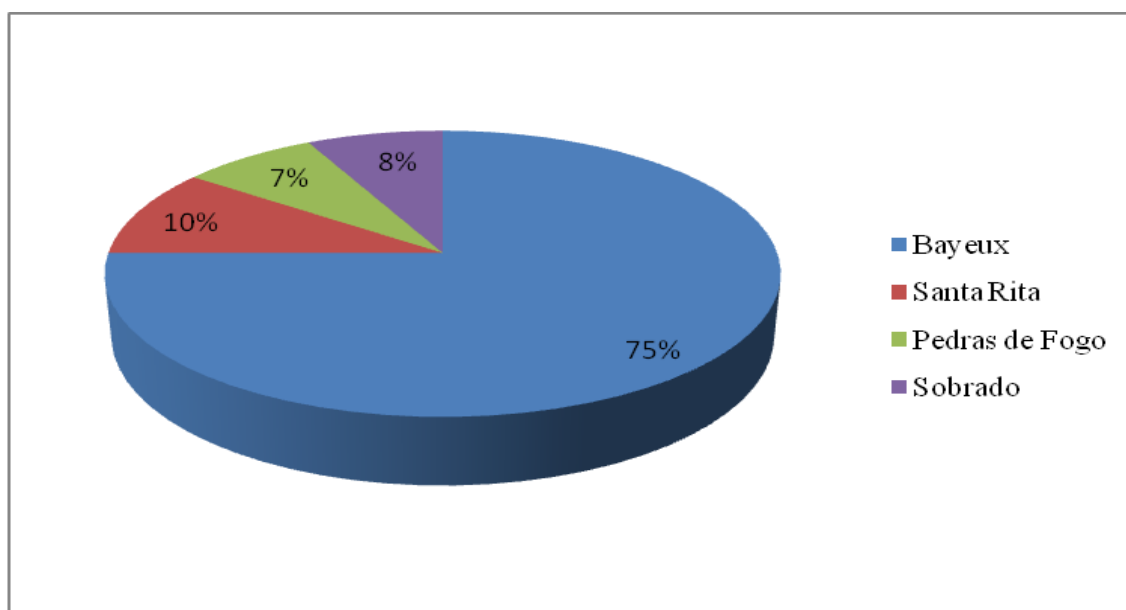


Gráfico 2 – Local de residência dos feirantes.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Quanto ao tempo de atuação na feira, podemos identificar no Gráfico 3 que 32% dos entrevistados possuem um período superior a mais de 10 anos de trabalho na feira e 30 % responderam ter entre 1 a 10 anos. É relevante, também, o número de pessoas que têm mais de 20 anos de atuação na feira, além disso, 8% declararam ter entre 30 a 40 anos e mais 8% os que responderam possuir mais de 40 anos.

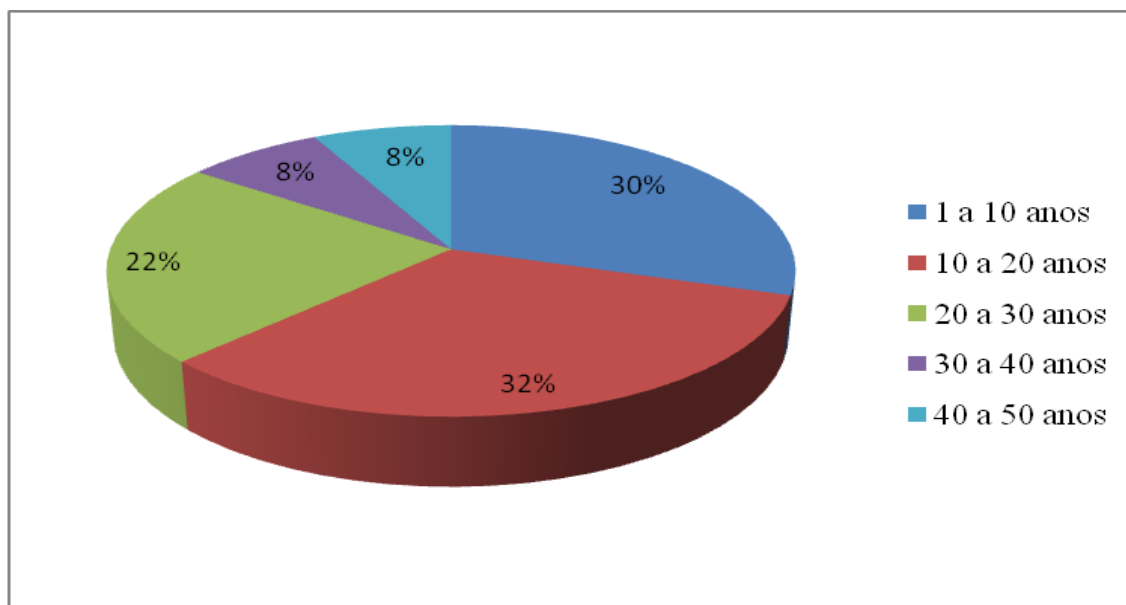


Gráfico 3 – Tempo de atuação dos entrevistados na feira.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir de conversas informais junto aos feirantes verificamos que a maioria dos feirantes entrevistados iniciou o seu trabalho na feira ainda crianças ajudando seus pais. E, hoje, seguem nessa profissão. Identificamos também na análise das entrevistas que o trabalho na feira é a única forma de sobrevivência da maioria dos entrevistados, correspondendo a 78% dos feirantes, enquanto o percentual de pessoas que declararam realizar outra atividade chega a 22%, dentre as quais: agricultura, revendedor (a) de cosméticos, agente de saúde e bico de eletricitista.

No diálogo com os feirantes muitos apontaram que encontrar trabalho está difícil e quando aparece é pra trabalhar em fábricas. E, por isso, muitos acabam permanecendo no comércio na feira. Uma das explicações para essa situação é o baixo grau de escolaridade da maior parte dos feirantes entrevistados: 65% não completaram o ensino fundamental, 12% são apenas alfabetizados, 10 % responderam que nunca estudaram, 7% não terminaram o ensino médio em contrapartida a 3% que concluíram o ensino médio e apenas 3% possuem o ensino superior (Gráfico 4).

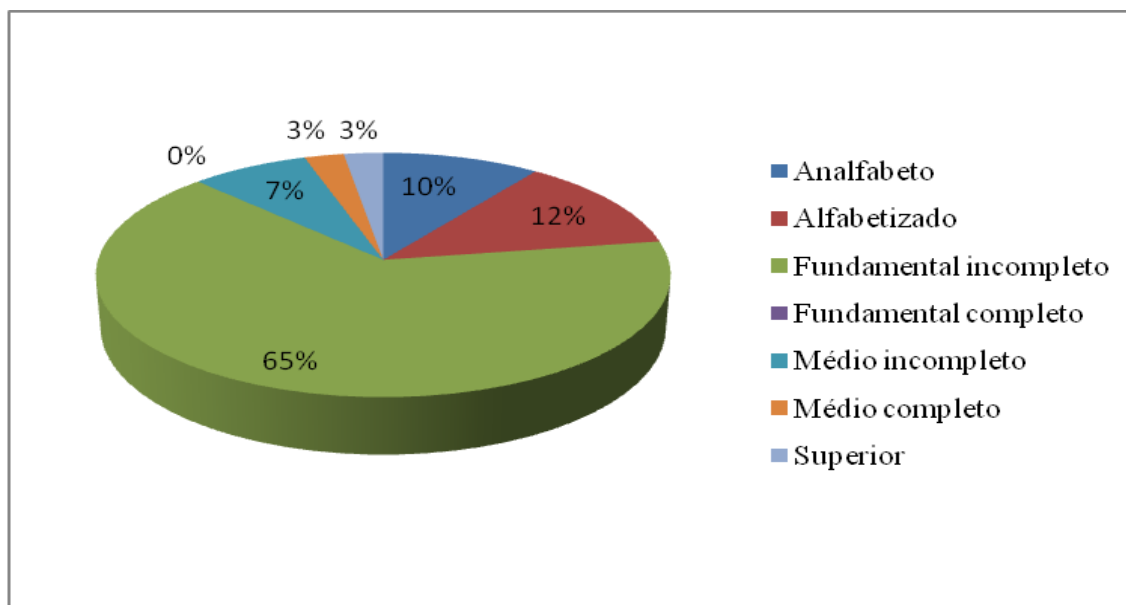


Gráfico 4 – Grau de escolaridade dos feirantes.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Os dias de feira mais movimentados são os sábados e domingos, porém, a feira também ocorre nos dias de semana, principalmente, o comércio de roupas e calçados. Percebemos que a maioria dos feirantes que trabalha apenas dois dias na semana, correspondente aos sábados e domingo, reside em outros municípios. E os que moram no município, principalmente, os que residem próximo ao mercado trabalham de quatro a seis dias na semana e existem ainda aqueles que trabalham todos os dias.

Semanalmente, fiscais da prefeitura cobram uma taxa aos feirantes pelo uso do espaço da feira, que varia de dois a seis reais. A banca de 85% dos entrevistados é própria, enquanto 15% responderam alugar o ponto para poder vender seus produtos.

Outra questão levantada na pesquisa refere-se à procedência das mercadorias comercializadas na feira. Dos entrevistados 12% vendem o que produzem em seus sítios como também os adquiridos a atravessadores. E 88% vendem apenas produtos adquiridos a atravessadores, fornecedores, sitiantes como também em outros mercados: Ceasa, Feira de Caruaru, Santa Cruz etc.

Na análise das entrevistas percebemos que a maioria dos produtos adquiridos a atravessadores e na Ceasa (Centrais Estaduais de Abastecimento) são frutas e verduras. E os provenientes dos sítios são batata, inhame, macaxeira e feijão verde. Já os comerciantes de roupas têm na feira de Caruaru e na cidade de Santa Cruz a principal fonte de abastecimento de suas mercadorias.

Os dados coletados e analisados nos possibilitaram conhecer um pouco do feirante que faz a feira livre de Bayeux acontecer toda semana. Trata-se de pessoas de pouca instrução,

que têm na feira a sua única fonte de renda ou complemento da renda familiar. Além disso, observaram-se nos trabalhos de campo os laços de amizade existentes entre os feirantes, que nas horas de menos movimento aproveitam para conversarem e colocarem informações sobre acontecimentos pessoais dentre outros importantes em seu cotidiano. Vimos também que a maioria dos feirantes entrevistados reside no município de Bayeux, o que nos mostra que a feira é de grande relevância para o município, pois gera emprego para os seus moradores. Isso se revela também no perfil do consumidor que frequenta e faz compras na feira, conforme demonstramos a seguir.

4.3. Perfil dos Consumidores

No tópico anterior podemos conhecer o perfil dos feirantes que comercializam na feira, apontaremos agora as principais características das pessoas que realizam compras na feira. Foram entrevistadas 40 pessoas, mediante entrevista semi-estruturada.

Constatamos que 97% dos consumidores entrevistados residem nos bairros que constituem o município de Bayeux, como: Sesi, São Bento, Jardim Aeroporto, Mario Andreaza, Centro, Brasília e Imaculada Conceição, bairros mais populares do município. E 3% residem em outros municípios, como: Cabedelo. Podemos perceber que a grande maioria das pessoas que compra na feira mora em Bayeux.

Abordamos os consumidores sobre o local de preferência para realizar suas compras: 25% nos responderam preferirem comprar na feira, 22% optam pelo supermercado e 53% preferem comprar tanto no supermercado quanto na feira (Gráfico 5).

Os consumidores que responderam preferirem comprar na feira apontaram as seguintes razões: preço mais baixo do produto, variedade das mercadorias, bom atendimento, produtos mais frescos e um maior contato com os produtos.

Em relação aos que responderam os supermercados, os motivos da escolha são: o conforto e a comodidade de encontrar todos os produtos acessíveis para a escolha, a proximidade, a higiene e a utilização do cartão de crédito, que possibilita ao consumidor a pagar suas compras parceladamente. Enquanto na feira o pagamento se dá através do dinheiro líquido, ou seja, à vista.

E o grupo que prefere comprar tanto na feira quanto no supermercado apontaram que preferem comprar produtos como fruta, verdura, carne e peixe na feira, pois o preço e a qualidade são melhores; já no supermercado eles preferem comprar cereais e produtos de

limpeza e higiene. Temos produtos que saem mais em conta quando comprados no supermercado e outros que são mais baratos e melhores, em relação, a qualidade, na feira.

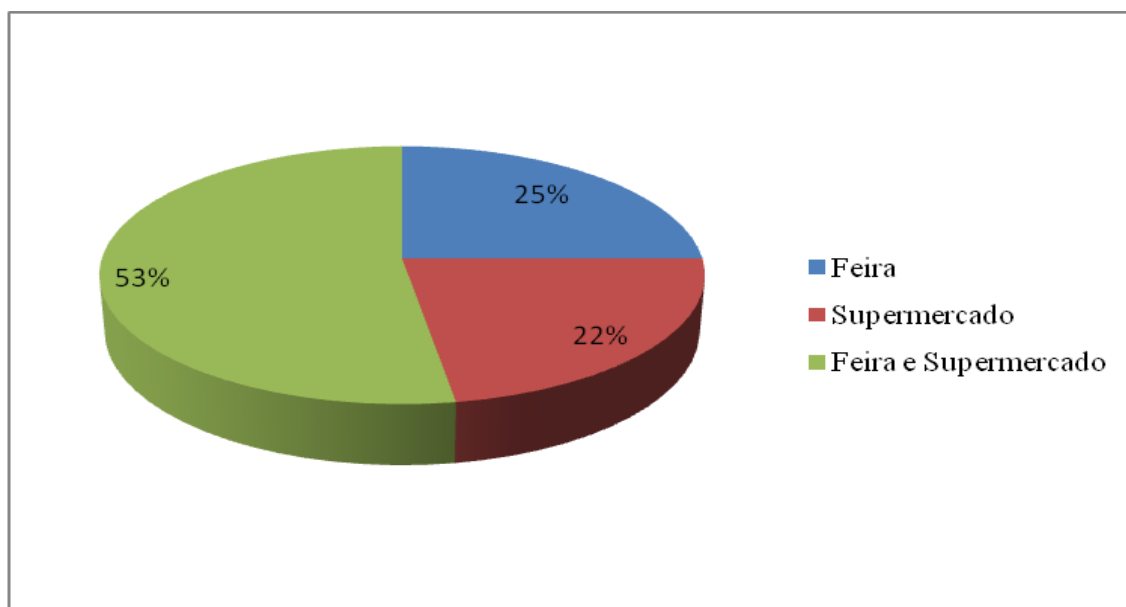


Gráfico 5 – Local de preferência de compra do consumidor.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir da análise dos dados verificamos que a maioria dos consumidores entrevistados gasta pouco na feira, uma vez que 47% afirmaram gastar até R\$ 50,00 com compras na feira. Esse percentual corresponde, majoritariamente, àqueles que responderam preferirem comprar no supermercado. Com isso, podemos afirmar que os supermercados afetam as vendas na feira. Já as pessoas que mais gastam na feira são as que têm na feira a preferência na hora de fazer as compras, elas gastam mais de R\$ 50,00, conforme demonstra o Gráfico 6.

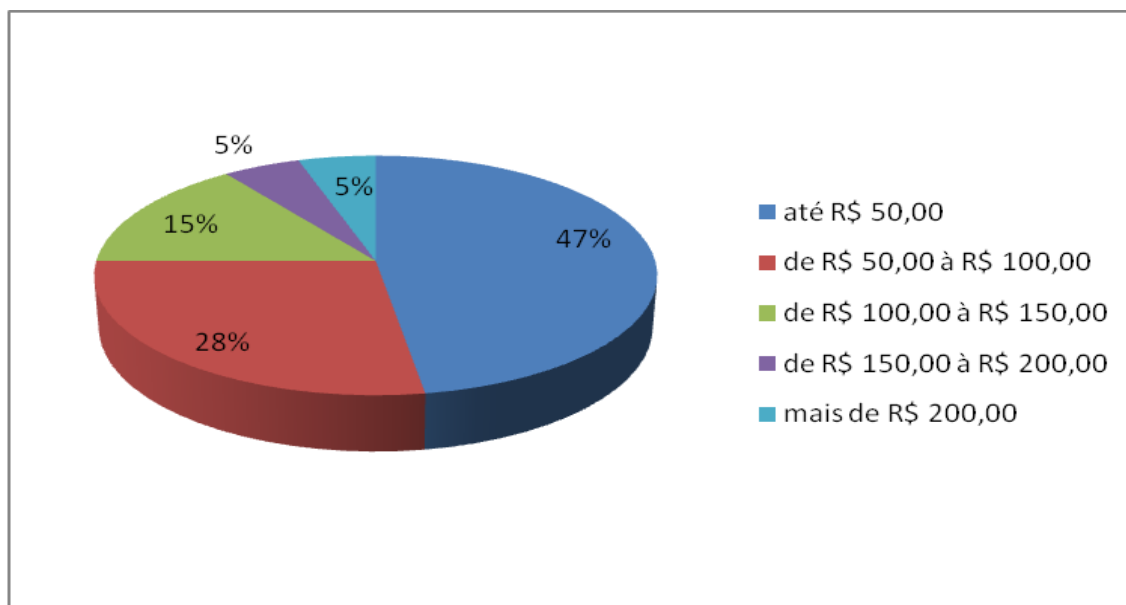


Gráfico 6 – Gastos dos consumidores na feira.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Apesar desses problemas existentes na feira, essa instituição comercial tem uma grande importância para os seus frequentadores, quando questionados sobre a importância da feira para as suas vidas, 90 % responderam que a feira é sim importante para eles, pelos seguintes motivos: preços mais acessíveis, a qualidade e a variedade dos produtos, a questão cultural, identidade, liberdade de escolha e lazer. E apenas 10% disseram que não, pois preferem comprar nos supermercados.

Quando questionados sobre o que poderia melhorar na feira os consumidores nos apontaram alguns elementos que poderiam melhorar o espaço da feira e torná-lo mais agradável, tais como: a organização, a infraestrutura, a higiene e o trânsito de veículos dentro da feira. E apenas três responderam que não precisa melhorar nada na feira. Esses problemas são visíveis na disposição das bancas, nos resíduos sólidos jogados ao chão, nas formas de exposição dos produtos, em específico, carnes e peixes. Dentre outras coisas.

4.4. Problemas Socioespaciais

Buscamos também através dos trabalhos de campo e da realização de entrevistas com os feirantes e consumidores identificar os problemas Socioespaciais existentes na feira. Sendo assim identificamos inúmeros problemas que ocorrem na feira, dentre os quais: falta de segurança; fluxo de veículos dentro do mercado; o reduzido número de banheiros públicos; a falta de organização e de condições físicas das bancas; a poluição por resíduos sólidos produzida no espaço da feira; a presença de animais dentro da feira; a falta de infraestrutura,

que melhore as condições de trabalho e torne o espaço da feira mais agradável para os consumidores; e etc.

A falta de organização das bancas e de infraestrutura foram pontuadas pelos feirantes e consumidores como um dos maiores problemas existentes na feira. E podemos constatar isso durante os campos: uma grande quantidade de bancas e produtos diversificados concentrados em determinadas ruas, não aproveitando o espaço existente em outras ruas. Existe um mau uso do espaço da feira, que poderia ser melhor –aproveitado. E uma das soluções para esse problema apontado pelos próprios feirantes como também pelos consumidores seria uma reforma, que padronizasse os setores da feira.

Observamos que a maioria das bancas é coberta por lonas plásticas e apenas algumas por telhas, porém não são suficientes para protegerem as mercadorias dos resíduos trazidos pelo vento e pela chuva. Outro problema identificado ao andarmos pela feira e apontado pelos consumidores são as más condições em que as carnes são comercializadas: expostas ao ataque de moscas e de outros animais. Além disso, os feirantes não usam luvas ao manusearem essas mercadorias. Tornando-as pouco atrativas aos olhos do consumidor. E no mercado do peixe vemos o lixo produzido pelos feirantes, que jogam as vísceras e escamas dos peixes no chão. A partir disso, além de uma padronização dos setores da feira, faz-se necessário também melhorar as condições físicas das bancas e galpões da feira e fornecer aos feirantes os instrumentos necessários para a realização do seu trabalho. Além da realização de um trabalho educativo.

Observamos também ao andarmos pela feira a ausência de lixeiras e isso faz com que o lixo seja jogado no chão tanto pelos feirantes quanto pelos consumidores. Outro problema apontado pelos feirantes é a diminuição das vendas, decorrente do baixo fluxo fregueses. Os feirantes remetem esse baixo fluxo de fregueses a presença dos supermercados, que possibilitam aos consumidores pagarem suas compras no cartão de crédito.

A presença de animais, principalmente, de gatos, dentro do mercado foi apontada pelos feirantes como um problema, pois estes dormem sobre as bancas além de fazerem suas necessidades fisiológicas.

Também realizamos entrevistas com o ex-administrador do mercado público Ednaldo Costa Gomes e o atual administrador José Ferreira da Silva para conhecermos a partir do olhar da administração um pouco mais dos problemas que envolvem a feira.

Ednaldo Costa Gomes atuou na função de administrador do mercado nove anos e cinco meses, e nos relatou que nesse período tentou colocar em ação alguns projetos de melhoria do mercado desenvolvidos por ele, porém, não foram aplicados por falta de interesse

dos “mandatários” ou prefeitos. Ele nos diz ainda que os “mandatários” alegavam falta de verba, como relatado abaixo.

Os mandatários não apresentou muito interesse de fazer reforma no mercado, eu dei a idéia, mas eu não consegui ter êxito na idéia de fazer um melhoramento no mercado da Imaculada de grande necessidade. O que se comentava e que não tinha verba pra que isso fosse feito, eu acho que hoje fica muito a desejar um mercado tão grande, porque o mercado de Bayeux eu acho um dos maiores do Nordeste, mas muito mal organizado em termo de estrutura porque nunca houve o interesse dos mandatários. [Informação Verbal, fevereiro de 2013].

A falta de investimento seria outro problema existente no Mercado Público Municipal de acordo com o ex- administrador que ao utilizar a palavra mandatários, refere-se aos prefeitos que geriam Bayeux na época de sua administração do Mercado. Além das residências que existem no Mercado, que acaba o descaracterizando. De acordo com o levantamento realizado também pelo antigo administrador Ednaldo, do número de famílias residentes dentro do Mercado Público Municipal, foi constatado um número de 48 famílias residindo dentro do Mercado, esse número corresponde a uma estimativa de 97% das famílias que ali residem.

Os comerciantes do mercado bem como os feirantes pagam uma taxa semanalmente aos fiscais da prefeitura pelo uso do espaço da feira, que variam de acordo com o tamanho das bancas e dos boxes. Segundo o atual administrador do Mercado, José Ferreira da Silva, esta taxa arrecadada contribui com a renda comercial e com a própria manutenção do Mercado. A prefeitura é que paga o pessoal responsável pela limpeza e por fazer a segurança do Mercado.

Aos olhos do atual administrador não há nenhum ponto negativo no Mercado, o que contradiz os relatos dos feirantes e consumidores entrevistados bem como do ex - administrador do Mercado. Porém, o mesmo reconhece que se faz necessária uma reforma que melhore as condições de trabalho dos comerciantes, e nos fala “eu acho que com essa reforma vai melhorar muito, né, porque tem comerciante que não faz a banca por falta de condições”.

Percebe-se que uma reforma no mercado melhoraria as condições de trabalho do comerciante como também facilitaria e tornaria as compras do consumidor mais agradável. Tanto o ex quanto o atual administrador nos relataram a importância da feira quanto do mercado para o município de Bayeux, como podemos ver abaixo.

É de uma grandeza enorme, porque todas as cidades têm seu mercado público e só vem trazer melhoria, porque a população mais carente que frequenta a feira, que muitos não podem comprar no supermercado mais tem a feira, tem em vista muita mercadoria, que você pode chegar qualquer coisa você compra. Então, a vantagem do mercado público é essa, porque é do povo é do público. O comerciante ele vive daquilo dali, ele ganha o pão de cada dia, ele mantém o filho, mantém a família ajudando, porque dali já vai crescendo. É a maneira de você crescer desenvolvendo o comércio e um bom atendimento, que é isso que traz o benefício pra população e pra administração. A vantagem do mercado público é que ele abrange quem tem e quem não tem, sem preconceitos, cabe todo mundo, o próprio nome já tá dizendo. [Ednaldo Costa Gomes Informação Verbal, fevereiro de 2013].

A importância do mercado para o município é bom, porque faz parte da renda comercial, porque todo comerciante aqui paga uma taxa mínima, é bom para o município e bom pro comerciante, porque o mercado livre aqui tá gerando mais empregos, né. Hoje o trabalhador pra arrumar emprego é difícil, aí todo trabalhador quando não trabalha na indústria, coloca seu pontossinho e vai arrumar o seu pão de cada dia. [José Ferreira da Silva Informação Verbal, fevereiro de 2013].

Percebe-se, portanto, que tanto o Mercado quanto a Feira são importantes para os seus frequentadores e que se faz necessário as devidas mudanças que possam melhorar as condições de trabalho e consumo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse trabalho, percebemos a importância da feira livre para Bayeux visto que gera trabalho para os seus moradores, oferta produtos de interesse da população por serem mais baratos e de melhor qualidade, e contribui com a renda comercial do município. Além disso, é na feira que pequenos produtores vendem o excedente da sua produção e têm na feira uma forma de complementar a renda familiar.

Apesar das dificuldades como organização e infraestrutura, a feira livre de Bayeux se configura como um espaço em que as pessoas se reúnem para fazer a feira e para trocar informações sobre o seu cotidiano. Os resultados dos quais dispomos nos faz pensar que se faz necessário melhorar as condições de trabalho do feirante bem como as condições de compras do consumidor, através de uma reforma que abrigue melhor feirantes, consumidores e produtos, padronize as bancas e setores da feira, além da realização de um trabalho educativo com os feirantes.

Além disso, temos a questão das residências que se encontram dentro do Mercado, que acabam o descaracterizando e, portanto, faz-se necessário retirar as famílias que residem dentro do Mercado e direcioná-las para outro local e atribuir outra função a estas residências, evitando-se assim o possível retorno dessas famílias.

A partir dos problemas socioespaciais identificados na feira, percebe-se que não se tem dado a devida importância a esse espaço de comercialização, que é de grande relevância para o município de Bayeux.

Se por um lado a feira perde sua importância frente à presença dos supermercados e de sua dinâmica, por outro ela se revela importante por diversos outros fatores, inclusive por sua dimensão cultural. A compra na feira se configura como uma prática cultural, de modo especial no Nordeste onde se comercializa nas feiras produtos que nem sempre se encontra em supermercados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, G. P. G. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial**. 2007. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FERRETTI, M. Feiras Nordestinas: estudos e problemas. In: FERRETTI, S. (org.). **Reeducando o Olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís/MA: Edições UFMA-PROIN (CS), 2000, p. 35-66.

MARTINS JÚNIOR, E. V. **O processo de ocupação e as questões sociais no bairro de São Bento em Bayeux-PB**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba.

MELO, J. O. A. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 4ª ed. João Pessoa: UFPB/Editora:Universitária, 1996.

MOTT, L. Feira e Mercados: pistas para pesquisa de campo. In: FERRETTI, Sérgio (org.). **Reeducando o Olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luís/MA: Edições UFMA-PROIN (CS), 2000, p. 13-34.

OLIVEIRA, A. A. de. **Bayeux seu povo sua história**. 2ªed. Bayeux: Gráfica Potiguaras, 2012.

OLIVEIRA, Ariosvaldo Alves; GOMES, Edielson Gonçalo Gomes. **Bayeux: aspecto natural e aspecto histórico**. 1. ed. Bayeux: Tiragem, 2006.

PAZERA JÚNIOR, E.. **A Feira de Itabaiana-PB: permanência e mudança**. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2º ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Espaço e Método**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 4º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SILVA, A. B. da; SILVA, V. P. da. O Circuito Inferior e o Meio Construído em cidades pequenas do semiárido Nordeste: algumas considerações. In: BATISTA FILHO, M.; MIGLIOLI, T. C. (orgs). **Viabilização do Semiárido do Nordeste: um enfoque multidisciplinar**. Recife: LICEU, 2010, p. 139 – 153.

SILVA, L. B. W. **A Feira Livre em Pedras de Fogo-PB**. 2006. 52 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Pesquisa de Campo – Questionário com os feirantes Uma Análise Socioespacial da Feira Livre em Bayeux-PB

1. Nome: _____ Idade: _____
2. Sexo: () masculino () feminino
3. Naturalidade: _____
4. Nível de escolaridade: () alfabetizado () não alfabetizado. Fundamental: () completo ().
Médio: () completo () incompleto. Curso superior: () completo () incompleto.
5. Local de residência: _____
6. Tempo para chegar: _____ 7. modo _____
7. Tempo de atuação na Feira: _____
8. Produto (s) comercializado(s):
() frutas () legumes e verduras () peixes e crustáceos () Carne () Roupas
() calçados () outros
- Obs: se a resposta for carne, especificar o tipo: _____
se a resposta for outros, especificar o tipo: _____
9. Dias da semana: () 2ª () 3ª () 4ª () 5ª () 6ª () sab () dom ()
10. Local onde adquire os produtos: _____
11. Além dessa atividade desenvolve outra? () sim () não
Qual? _____
12. Possui inscrição estadual? () sim () não
13. Qual é a situação da sua banca? () própria () alugada () cedida
Taxa paga: R\$ _____
14. Para você qual a maior dificuldade encontrada para se trabalhar na feira livre de Bayeux? _____

APÊNDICE B

Pesquisa de Campo – Questionário com os consumidores
Uma Análise Socioespacial da Feira Livre em Bayeux-PB

1. Nome do entrevistado: _____ Idade: _____
2. Sexo: () masculino () feminino
3. Naturalidade: _____
4. Nível de escolaridade: () alfabetizado () não alfabetizado. Fundamental: () completo () incompleto. Médio: () completo () incompleto. Curso superior: () completo () incompleto.
5. Local de residência: _____
6. Profissão atual: _____
7. Onde prefere comprar: () na feira () no supermercado () nos dois
- Se a resposta for “na feira” por
quê? _____
- _____
- Se a resposta for “no supermercado” por quê?
- _____
- _____
8. Produtos que compra com mais frequência na
feira? _____
- _____
9. Quanto gasta por semana na feira?
- () até R\$ 50,00 () entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 () entre R\$ 100,00 e R\$ 150,00 () entre
R\$ 150,00 e R\$ 200,00 () mais de R\$ 200,00 () não informou
10. Para você, o que precisa melhorar na feira livre em Bayeux?
- _____
- _____
11. A feira livre é importante para você? () sim () não
- por quê?
- _____
- _____